
NARRATIVAS ORAIS NA ZONA RURAL DE SÃO FELIPE: CONFLITOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Paulo Roberto Costa da Silva¹

RESUMO: A zona rural de São Felipe, município localizado do recôncavo da Bahia, possui muitos narradores potencias que a partir de contos fábulas e outras histórias expõem diferentes formas de pensar e refletir sobre seus modos de vida. Com isso, abrem-se espaços para que se discutam conflitos, dramas diários, bem como a tradição em seu processo dinâmico, pois dentro da tradição oral há várias formas de se conceber e se entender o mundo. Nesta perspectiva, personagens são construídos podendo ser lidos como uma alusão aos embates nos espaços de poder. Dessa forma, este texto tem como finalidade sinalizar os discursos dominantes e de resistências por meio de narrativas orais, como também pensar os conflitos e, de que forma os personagens agem. Para tal reflexão, partimos de três contos de Pedro Malasartes, coletados a partir do método em história oral na zona rural de São Felipe, além de convocar teóricos como: Zumthor, Ferreira, Foucault, Halbwachs, Deleuze, entre outros na perspectiva de ajudar no desenvolver da interpretação proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Oraís, Cultura, Memória.

ABSTRACT: In the countryside of São Felipe, the municipality located recôncavo of Bahia, which has many potential narrators from tales fables and other stories expose different ways to think and reflect on their lifestyles. With this, open up spaces to discuss that conflict daily dramas, as well as the tradition in its dynamic process, as in the oral tradition there are various ways of conceiving and understanding the world. In this perspective, characters are constructed and can be read as an allusion to the conflicts in positions of power. Thus, this paper aims to signal the dominant discourses and resistances through oral narratives, but also think about the conflict and how the characters act . For this reflection , we set three tales of Pedro Malasartes collected from the oral history method in the countryside of São Felipe , and theorists like to call : Zumthor , Ferreira , Foucault , Halbwachs , Deleuze, among others as it helps in develop the proposed interpretation .

KEY-WORDS: Oral Narratives, Culture, Memory.

¹ Mestre em Crítica Cultural pela UNEB (2013). E-mail: prlet@hotmail.com

Propor um estudo das narrativas orais na zona rural de São Felipe/BA é uma oportunidade impar de reflexão sobre as representações sociais e culturais que são construídas através da memória coletiva. Visto dessa maneira, Cascudo (2003) sinaliza que o conto popular é um dos mais amplos e expressivos materiais de estudo, e um dos menos examinados, reunidos e divulgados. Além disso, este autor informa que estas narrativas podem revelar informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social, como também é um documento vivo que apresenta costumes cotidianos, ideias, decisões e julgamentos.

Mediante esta ideia, este texto tem a pretensão de investigar como marcas culturais e dominantes estão presentes e representadas dentro destas narrativas, como também perceber de que forma os narradores ressignificam estas, propondo outra possibilidade de reflexão, ou seja, como nas entrelinhas das narrativas pode-se perceber um contra-discurso, subvertendo uma ideia dominante.

Por meio dessa discussão, que envolve as narrativas orais e suas possibilidades de retratar um contexto de práticas, os contos se configuram como ótimas opções para que possamos nos debruçar sobre este patrimônio da cultura popular e perceber as marcas que as tradições tecidas, através da memória, deixam na comunidade.

Construir tal perspectiva, neste sentido, é tornar possíveis vozes que estão inaudíveis, que foram deixadas nas margens, sem levar em conta suas contribuições enquanto material que se faz contemporâneo e ressoa como um texto cultural, pois pensar as narrativas orais significa perceber que, por meio da tradição de contar histórias, muitas comunidades formaram indivíduos, mantendo em seu imaginário costumes, preconceitos seculares, trazidos pelos sons de cada palavra, através da memória, que por sua vez não se constrói individualmente, mas na coletividade.

Enquanto manifestação humana, as narrativas orais abrem possibilidades para a discussão em torno dos conflitos e os dramas sociais cotidianos, assim como sobre a tradição. Neste sentido, muitas narrativas que podemos escutar na zona rural de São Felipe, espaço desprivilegiado de estudos,

apresentam situações aos quais vozes procuram seus espaços, impondo-se entre as brechas de um discurso dominante.

Dessa forma, pesquisar este patrimônio imaterial da cultura popular, que carrega e transmite valores de geração para geração, é evidenciar também o caráter dinâmico que opera e constitui os sujeitos nesta localidade que faz parte do recôncavo da Bahia, região rica em manifestações populares e de grande influência da tradição oral.

Para tal empreitada, e enquanto crítico faz-se necessário seguir um método em que a noção de cultura esteja sendo revista de forma interdisciplinar, perpassando por vários campos do saber a fim de reler conceitos que foram fixados, tendo atenção voltada para preocupações de ordem hegemônicas, ou seja, para “aquilo que a crítica ocidental elegera como alta, longe da cultura de massa e perto da classe social mais abastada. E perto de Deus” (SOUZA, 2007, p.4).

Desta maneira, como uma literatura “menor”, no sentido conceitual de Deleuze e Guatarri (1977), a noção política está implícita nestas narrativas, pois adentram na problemática cotidiana, enunciando cenas que sob a lupa da crítica cultural ganharão não apenas espaços para a discussão, mas também uma história diferente, ao qual o lugar de fala dos subalternos, sob um olhar interpretativo da cultura, possa expressar seu potencial de crítica social.

Para Souza (2007), não se pode hoje fazer a leitura de um texto literário e ficar restrito à sua constituição literária, à sua constituição de linguagem, pois para esta autora, o movimento é duplo, onde temos que ao mesmo tempo ler e analisar o texto, mas saber que esse ultrapassa a fronteira literária e se projeta para outros campos.

Por isso, é preciso o diálogo entre outras áreas do saber, deixando de lado um discurso único, para lançar-se na interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, a fim de demonstrar o que se esconde por trás de uma linguagem aparentemente inocente das narrativas orais.

Referente ao já exposto vale ressaltar que por muito tempo tivemos uma perspectiva de estudos aprisionada nas estruturas de poder, na procura de uma

“legítima verdade”. Estudos vão avançando e conseqüentemente barreiras precisam ser ultrapassadas para dar lugar a outros olhares. Nos espaços científicos, lugar da “seriedade e neutralidade”, a subjetividade não tinha vez, nem voz. E dentro de um processo de hierarquização a escrita reinou como prova da verdade, enquanto o oral passava pela desconfiança, não sendo aceito como documento válido.

Pesquisadores ainda hoje acreditam mais na confiabilidade dos documentos escritos do que das fontes orais. Mas se tomamos como base que todos os dois passam pela ótica humana, podemos também lembrar que ambos estão sujeitos a falhas, desvios da “verdade”.

Em algum momento estas informações passam pelo crivo da representação, da subjetividade, e quando se tem más intenções, reforça a manipulação do que é posto. Qualquer documento é susceptível a falhas, resta ao pesquisador ter coerência com o que busca, tendo critérios para a escolha das informações, algo que se expande para qualquer fonte de pesquisa.

Tendo neste trabalho a narrativa de tradição oral como base, procuro construir um caminho que favoreça olharmos as narrativas orais como um espaço de estudo da cultura. Logo, ir além do que se mostra nas primeiras camadas dos textos orais faz-se necessário a interlocução de diferentes disciplinas para uma melhor interpretação e aquisição de outros conceitos.

As experiências cotidianas que emergem nas narrativas orais demonstram indícios da riqueza que a memória coletiva nos apresenta. Implícita, ou explicitamente, nestas narrativas são levantadas questões referentes a verdades impostas dentro de um contexto. Numa perspectiva imagética de um rizoma, podemos visualizar estes textos da tradição oral como um sistema aberto de agenciamentos com infinitas possibilidades de interpretação, pois, estes são amplos. Como um mapa e não como um decalque, as narrativas orais possuem múltiplas entradas que podem ser exploradas descortinando novas facetas.

Sendo assim, faz necessário esvaziar estes espaços que se constituíram como memórias a fim de investigar nas brechas possibilidades de vozes que foram anuladas. Por meio da perspectiva da história oral, privilegiar estes que ficaram às

margens, refletindo sobre suas memória como parte da cultura é criar condições para se pensar uma zona de conflito ao qual memória “oficial” fosse colocada em questão.

Segundo Le Goff (2003), o conceito de memória é crucial. Como propriedade de conservar certas informações, ela, a memória, nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Além disso, o autor ressalta que:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhoras da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p.422).

Por esta questão, Le Goff (2003) aponta que adentrar neste estudo da memória social é um dos meios de atingir fatos do tempo e da história, pois a memória se configura como um patrimônio infinito que se forma através de fragmentos. E neste sentido, serve como porta de entrada para as influências ou para dominar certos grupos sociais.

Os processos que envolvem a memória se tornam essenciais porque estão associados ao que se costuma chamar de identidade, tanto a individual como a coletiva. E isso se configura como base fundamental de indivíduos e sociedades. É nesse tom que Le Goff (2003, p.470) afirma:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Neste sentido, compreender a memória coletiva seria apoderar-se de um objeto valioso, ou possuir uma visão mais ampla das questões dentro da sociedade, como as pistas deixadas por gerações.

Na obra *“Armadilhas da Memória e outros ensaios”*, a professora e pesquisadora Jerusa Pires Ferreira (2004), traz a memória como tema central para discutir as teias de relações que envolvem os processos culturais, pois a memória, em certos espaços, se configura como alicerce que constrói e desconstrói narrativas, dando vez a outras possibilidades de renovações diversas.

Isso pode ser perceptível no ato narrativo dos contos populares recolhidos na zona rural de São Felipe, onde o esquecimento e a omissão de alguns elementos nos contos desencadeiam em novas transformações que se dirigem em direção a continuidade da tradição local. A longevidade dos textos orais, na memória coletiva e seletiva desta comunidade, traz uma importante contribuição para se pensar as relações cotidianas, os costumes e os processos de fixação e difusão da memória, pois esta evoca, ao mesmo tempo em que destrói, recompõe e imprime marcas culturais.

Segundo Zumthor (1997, p.10):

Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a ela. E ainda é mais difícil pensá-las em termos não-históricos, e especialmente nos convencer de que nossa própria cultura delas se impregna, não podendo subsistir sem elas.

Isso porque as tradições orais trazem em si marcas culturais e sociais, e é uma prática ainda presente na zona rural, para a difusão de ideologias e preconceitos, como também possui uma finalidade educacional, pois, as narrativas orais têm como base a memória cultural, que faz ressoar vozes e valores de outras gerações.

Assim sendo, as narrativas orais são resultados da ação coletiva e não de um sujeito isolado. Nelas faz-se presente memórias, as quais estão impressas heranças culturais, pois a literatura oral nasce no meio do povo, reúne elementos

diversos de outras localidades, e, além disso, constitui-se como sistema comunicativo. Por ser fluído, móvel e por sua característica mutável, estes contos se mantêm dialogando com as peculiaridades locais e coletivas.

Por meio dessa discussão, que envolve as narrativas orais e suas possibilidades de retratar um contexto de práticas e representações, podemos dizer que, através da polifonia presente nestes textos culturais, ressoa um caráter subversivo, contra-discursivo.

PEDRO MALASARTES: OPERADOR DE UMA CRÍTICA SOCIAL?

O riso provocado por certas narrativas na zona rural de São Felipe carrega junto uma potência crítica, ao contrário dos que o julgam como uma literatura de valor menor, pois apresenta nuances que vão além do riso “flácido”. Nestes textos, os narradores burlam, satirizam situações cotidianas, que estão dentro de um sistema maior de opressão, fazendo soar seu riso como um ato de enfrentamento.

Comediando diferentes sistemas de poder, os sujeitos inseridos em comunidades populares, quando subtraídos de espaços e representações, procuram encontrar suas saídas, e é em momentos de convívio social que certos causos e narrativas se constituem como o motor que provoca o riso e a piada. Como um espelho da sociedade, as situações humorísticas que perpassam as narrativas, nos espaços rurais em São Felipe, retratam questões sociais mais amplas.

Dessa mesma maneira, alguns contos, que têm como personagens Pedro Malasartes, podem ser encaixados em um contexto genérico, pois o personagem sempre enfrenta em um desafio algum sujeito que está na hierarquia superior, que possui algum poder absoluto: um rei, um fazendeiro, etc., os quais representam a classe dominante e opressora, ao contrário de Malasartes que representa a classe oprimida e “dominada” pelas injustiças sociais².

² Para um estudo mais detalhado, ver Costa, 2005.

Quando se fala em Pedro Malasartes várias características são levantadas: burlão, astucioso, cínico, sem escrúpulos, sem remorsos, malandro, preguiçoso, antimodelo, e por aí vai. Mas, seria possível enxergar em características tão negativas indícios de um sujeito que pode se configurar como operador de uma crítica social? Ou, teria em suas atitudes atos políticos, diante das condições dos que estão nas bordas?

Por seu perfil de contestador, por meio da diversão, do tom paródico, este personagem, que tem sua origem desconhecida, não só ganhou espaços dentro da cultura popular brasileira, mas expandiu para outros lugares, sendo também motivo de uma ópera, composta por Lorenzo Fernández e Graça Aranha, entre 1931 e 1933, e por Camargo Guarnieri e Mário de Andrade, em 1932, como também virou peça de teatro e até foi motivo de filme com Mazaropi.

Por trazer o tom de comédia e ironia, o personagem Malasartes ganha força junto ao público, o que fez com que fosse uma ferramenta importante para que Mario de Andrade identificasse nele uma força de socialização de uma arte crítica. Foi, também, por meio deste tom cômico que o autor escreveu *Macunaíma*, inserindo sua escrita de crítica dos modelos na formação da cultura brasileira.

A entrada de Malasartes no mundo da crítica e das lutas contra um sistema opressor não se dá de uma forma aleatória. Motivos fortes direcionaram este personagem a se projetar como um herói das camadas populares e um antimodelo social para aqueles que o enfrentam. As vinganças com motivos precisos começam quando seu irmão, João, volta para casa com uma tira de couro arrancada das costas pelo fazendeiro, seu patrão. Malasartes, ofendido com esta situação, resolve vingar o irmão. É neste momento que começa a luta por justiça. E é neste sentido que Roberto DaMatta sinaliza que, nas leituras feitas a partir das narrativas com Malasartes, este faz com que o mundo social do Brasil seja mais generoso.

[...] o mito de Malasartes também pode ser tomado como o mito do trabalhador brasileiro, como a saga daquele que tem de estar sempre buscando algo que não possui; sempre – como eles mesmos dizem – em busca do trabalho e do patrão, sobretudo do ‘*bom patrão*’ que os ancore definitivamente na estrutura social. E para tanto têm de

realizar uma caminhada em direção ao mundo e à 'dura realidade da vida', deixando para trás suas famílias e lares, o local geográfico familiar. (1997, p. 282).

Dentro desta estrutura social que oprime, Malasartes serve como ícone, como representante da realidade vivida nos espaços cotidianos. Por isto, ele é sempre lembrado nas narrativas orais, tendo várias versões em todo o Brasil, cada uma colocando suas marcas locais, suas visões de mundo, configurando desejos e expressando angústias diante de situações inconvenientes entre pobre e rico, oprimido e opressor.

Isso pode ser ilustrado com a narrativa que coletamos na zona rural de São Felipe, em que a narradora – Dona Janinha – conta que o patrão deu a Malasartes um ovo e um pão, no café da manhã, e depois mandou uma cachorra, que servia como feitora, dizer qual o trabalho a ser feito. E a ordem do patrão era clara: só voltar quando a cachorra quisesse. Então, Malasartes, antes de terminar o expediente, arranca um cipó e dá uma surra no animal para que volte logo. Com medo, a cachorra volta cedo para casa e ele se livra do trabalho. Questionado pelo patrão, Malasartes diz que cumpriu o que foi dito: só voltar para casa quando a cachorra assim o quisesse.

Pedro Malasartes: a cachorra feitora

Pedro Malasartes, ele ia...

Todo mundo que chegava à fazenda, o patrão dava um ovo pra comer de manhã: tomar café, e mandava a cachorrinha pra ser o feitor. Só era pra vim quando a cachorrinha viesse. Aí, Pedro Malasartes chegou lá prá trabalhar, aí o patrão disse:

> Toma seu ovo.

Aí ele disse:

> Me dê uma bacia e uma culê.

Aí bateu esse ovo, lameou na bacia toda. Era um ovo e um pão. Aí o homem lhe deu o pão, aí ele passando, comendo:

> *Venha pão que ainda tem ovo. Venha pão que ainda tem ovo. Venha pão que ainda tem ovo.*

Aí quando encheu a barriga:

> *Onde é o trabai?*

Aí, ele disse:

> *A cachorrinha vai lhe ensinar.*

Aí ele pegou a enxada, jogou no ombro. Quando foi onze horas, ele cortou um cipó e sacudiu na cachorra. A cachorra vai ali, vai aqui, vai ali, vai aqui, e ele tome cipó, tome cipó. Quando a cachorra não aguentou, pegou o caminho de casa. Ele jogou a enxada no ombro e veio embora. Aí, o rei disse:

> *Oh, você já veio?*

> *Sua feitora não veio embora? Não é ela que é a feitora? Ela veio embora e eu que vou ficar lá, é?*

Mentira, que ele tinha batido, mas a cachorra não falava...

O conto gira em torno da lei de trabalho em comum acordo entre os personagens, o que, com o irmão de Malasartes, não tivera sucesso, pois este sofreu e morreu por não cumprir o acordo firmado. Como a palavra dada não se volta atrás, Malasartes, então, encara este contrato com o patrão, mas sabendo da exploração que está por trás dele, utiliza a única arma que possui: a inteligência, para ludibriar e sair ganhando, quando a lógica dominadora seria o seu insucesso. Assim também acontece em outras versões em que Pedro Malasartes articula estratégias para ganhar apostas.

Em outra narrativa, coletada em São Felipe, a colaboradora, D. Janinha, conta que Malasartes fez uma aposta com o rei, e que teria como resultado a pena de morte para o malandro se não conseguisse ganhar tal desafio.

Pedro Malasartes: aposta com o rei³

³ Conto Narrado por Dona Joana (Janinha).

Pedro Malasartes fez uma aposta com o rei pra chegar à casa do rei, nem bem montado, nem bem a pé. Aí ele disse:

> É pena de morte.

Aí ele disse:

> É. Se eu não chegar aqui nem bem montado, nem bem a pé, o senhor me mata. E se eu chegar, vou ganhá a aposta.

Aí apostou uma quantidade de dinheiro grande. Quando chegou o dia certo, tava todo mundo lá esperando matar ele. Aí ele chegou vestido de filó e montado numa porca – o filó é, assim, feito uma toalha de renda – você tá vestido, tá nu, mas não tá nem bem vestido, nem bem nu. Porque ele disse ao rei que chegava na casa do rei nem bem vestido, nem bem nu. Ele chegou, nem bem vestido nem bem nu. E chegou montado na porca com o pé no chão. Não tava nem bem montado, nem bem a pé. Aí, ganhou a aposta.

DaMatta salienta que seu objetivo é simplesmente chamar a atenção para um conjunto de narrativas e fatos sociais aparentemente inocentes, mas que, precisamente por isto, são básicos para o entendimento dos modos pelos quais nos definimos como sociedade, povo e nação. Para o antropólogo, o personagem Pedro Malasartes, é um subversivo, perseguidor dos poderosos, para quem sempre leva uma dose de vingança e destruição que denuncia a falta de um relacionamento social mais justo entre o rico e o pobre, além de revelar o código moral que deve pautar o relacionamento entre fortes e fracos. É pela zombaria e sagacidade, arma típica dos fracos, que o personagem Malasartes recoloca a esperança de corrigir o mundo, compensando as diferenças sociais (1997, p. 274).

Para a narradora, Dona Janinha, as histórias de Pedro Malasartes são todas pequenas,

> ...mas tudo engraçada. Tudo tem... uma coisa assim ver certo, né? E tudo sabedoria dele, né? [...] O Pedro Malasartes era danado. [...] O João Preguiçoso e o Pedro sempre são os dois sabidos.

O “ver certo” a que a narradora se refere é a semelhança entre as questões representadas por este texto da literatura oral e a vida que o sujeito despossuído enfrenta em seu cotidiano.

Nesta próxima narrativa, vemos outra aposta em que Pedro leva vantagem e o riso surge da quebra de uma superioridade que a narradora sabia que o rei possuía.

Pedro Malasartes

Pedro Malasartes fez uma aposta com o rei que a galinha, não tinha nada que “enfartasse” a galinha. E o rei disse:

> *Tem. Após, você vai ver!*

Aí fizeram a aposta. Um dinheirão. Aí o rei, quando foi no dia certo, jogou uma quarta de milho no terreiro, e as galinhas comeu, comeu, comeu. E ele levou um saquinho de barata. Aí as galinhas comeu, comeu, quando saiu tudo morumbuda, torta, assim, ele soltou as baratas, quando soltou as baratas, as galinhas fechou em cima das baratas. Aí ele disse:

> *Tá vendo o senhor?!*

Aí perdeu a aposta. (risos)

Essas artimanhas formuladas por Malasartes e contadas por narradores na zona rural de São Felipe, como também em todo o Brasil, mostra um personagem paupérrimo que tem consciência de sua situação de marginalizado e de seus pares e, por isto, aplica seus golpes sempre em sujeitos avarentos, ganhando apostas ou tirando dinheiro deles. Isto mostra que, por meio do imaginário popular, perpassam ideais que caracterizam a tensão entre a classe dominante e a dominada.

Para Costa, driblar as adversidades da vida e as ações cometidas pelas injustiças sociais é, na perspectiva da malandragem da personagem, trabalhar nas brechas, pois o “discurso malandro é maleável e movente. Malandragem já é em si um sintoma de necessidade de mudanças e requer agilidade de pensamento para driblar as adversidades, o poder e a ‘injustiça’” (COSTA, 2005, p. 182).

Neste sentido, a autora, ao analisar a personagem Pedro Malasartes, afirma que não faz apologia à malandragem, que a encara na perspectiva da narrativa como potência que poderia resultar em ações efetivas de transformação social. Por isto, estas narrativas apresentadas caracterizam-se como de cunho transgressor, podendo servir como pretextos para uma discussão sobre a memória cultural, pois representa um conjunto de manifestações e visões que um grupo mantém.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura oral e popular. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número especial – ago/dez de 2008, p.110-116
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. T. A. editor. 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- COSTA, Edil Silva. *Comunicação sem reservas: ensaios de malandragem e preguiça*. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) Programa de estudos pós-graduados em comunicação e semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 201
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. São Paulo, Ateliê. 2004
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura é memória*. In: Revista USP. São Paulo: Edusp, n. 24, dez./fev., 1994/1995, p. 14-20.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. (Org.) e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: 23ª Ed. 2007.
- GOTLIB, Nádía Battela. *A Teoria do Conto*. In: www.sabotagem.revolt.org acessado em 5 de março de 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro editora. 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOTMAN, Iuri. Sobre a tipologia da cultura. In: SHNAIDERMAN, Boris (org.) *Semiótica Russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostras e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 6 ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

MOREIRA, Osmar. *Um Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2010.

SANTIAGO, Silviano. As ondas do cotidiano. In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 151-159

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Presença da Voz*. In: *Introdução a Poesia Oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 9-18.

Recebido em julho de 2013.

Aprovado em setembro de 2013.